



## A mulher e a artrite reumatóide

**M**uitos leitores estranharão que eu escreva sobre as doenças reumáticas. A razão é simples: na minha qualidade de deputada no Parlamento Europeu (PE), interessei-me pelo assunto, apoiei e tomei algumas iniciativas.

Em 2007, fui anfitriã no PE de um almoço-debate sobre "As Mulheres e a Artrite Reumatóide - Uma União de Vozes", promovido pela Associação PARE. Foi um êxito. De tal modo que, recentemente, a mesma Associação me desafiou a repetir a iniciativa. Desta feita, o tema do debate, em forma interrogativa - "Doenças Músculo-esqueléticas no Trabalho, Um Desafio para a Competitividade da Europa?" -, foi sugerido por um grupo de investigação britânico, a Work Foundation, co-organizadora do evento, que desenvolveu um estudo sobre os impactos destas doenças no trabalho. Também, desta vez, se fizeram ouvir as vozes dos que melhor conhecem as consequências da AR. Testemunhos de vidas desfeitas, de muita dor mas também de muita coragem de quem publicamente declara "não vou deixar que isto afecte a minha vontade de viver".

A minha participação no livro *As Mulheres e a Artrite Reumatóide - O Valor de Uma Vida*, a convite da Associação Nacional dos Doentes com Artrite Reumatóide (ANDAR), foi inesquecível. Ouvi e li testemunhos de mulheres que ficaram incapacitadas e deformadas pela artrite reumatóide (AR). Mulheres que perderam a sua independência funcional e financeira, que ficaram dependentes da ajuda de terceiros para se lavar e vestir e que perderam o emprego. Jovens que ficaram impossibilitadas de alimentar ou dar colo à criança

que chora. Mulheres abandonadas pelos companheiros que não aguentaram a nova situação. Mulheres que não cruzaram os braços nem se vitimizaram quando a adversidade lhes bateu à porta. Mulheres que, apesar do sofrimento físico e psicológico, da deformação visível e irreversível, não desistiram de ser mulheres. Foi uma lição de vida!

Falo de mulheres, porque a AR é uma doença predominantemente feminina. Afecta mais de 1,7 milhões de mulheres só na União Europeia. Pela sua prevalência e pelos problemas pessoais, económicos e sociais que suscita, a AR é a principal doença reumática sistémica. E tem um enorme impacto económico, pela perda dos rendimentos do trabalho e pela redução da produtividade e ainda pela elevada percentagem de reformas antecipadas.

O diagnóstico precoce é fundamental. Se a AR for diagnosticada nos primeiros três a seis meses e tratada correctamente, há grandes hipóteses de o afectado manter uma vida independente e produtiva.

As doenças reumáticas atingem pessoas de todas as idades e são a principal causa de reforma por incapacidade e de reforma antecipada de trabalhadores, porque provocam dores, sofrimento e invalidez. E a sua prevalência é elevada. Entre 30% e 40% dos cidadãos europeus apresentam sintomas osteomusculares, o que equivale a mais de 150 milhões. Com o envelhecimento da população, é previsível



a convidada

Edite Estrela

Entre 30% e 40% dos cidadãos europeus (mais de 150 milhões) apresentam sintomas osteomusculares

que aumente o número. Em 2008, apresentei (e o PE aprovou) uma Declaração Escrita sobre as doenças reumáticas, exortando a Comissão e o Conselho a darem mais importância ao assunto; a incentivarem os Estados membros a estabelecerem planos nacionais de combate; a promoverem o acesso à informação e ao tratamento médico adequado; a

desenvolverem uma estratégia comunitária e a elaborarem uma recomendação do Conselho sobre o diagnóstico precoce e o tratamento destas doenças.

Em resposta à pergunta sobre o mesmo assunto, a comissária europeia da Saúde refere um novo projecto para uma rede europeia de vigilância e informação sobre as doenças músculo-esqueléticas. Financiada pelo 7.º programa-quadro de investigação, a proposta "Masterswitch" - mecanismos para combater os determinantes principais das síndromes reumatóides com opções terapêuticas inovadoras - vai dar especial atenção à artrite reumatóide, uma vez que os dados indicam que o tratamento intensivo pode prevenir a persistência e a cronicidade. A proposta integra dezasseis grupos de investigação de dez Estados membros e países associados e representa um contributo global de 11,2 milhões de euros. Oxalá, estes fundos, fundos comunitários, contribuam para evitar o sofrimento inútil dos doentes com doenças reumáticas. ■

Eurodeputada do PS